



Eleições 2010

Compilamos neste quarto número as cartas de Sheila Canevacci Ribeiro e a da candidata Dilma Rousseff. Ambas as cartas tiveram grande repercussão na mídia e nos debates do segundo turno. Incluímos também comentários sobre as cartas e posições de acadêmicas.

Manifesto NIGS | Eleições 2010

Número 4, Outubro de 2010

Respeitamos a dor de Mônica Serra

Carta que Sheila Canevacci Ribeiro publicou no Facebook. Página 2



Serra nega aborto da esposa

Assessoria de imprensa de Serra nega as declarações de Sheila.

Serra faz Telemarketing do aborto

Serra aposta todas as fichas do debate religioso

Página 3



Entrevista com Sheila Canevacci Ribeiro

Sheila fala da repercussão de sua carta

Página 4

Comentários de eleitor@s sobre a carta de Sheila

Veja alguns comentários de internautas

Página 5

Carta de Dilma Rousseff

Íntegra da carta de Dilma aos religiosos

Página 6

Vídeo de Marilena Chaui

Filósofa faz um chamamento ao voto em Dilma

Fragmento de entrevista de Dilma ao Jornal Nacional

Veja o que Dilma fala sobre sua carta

Página 7

De boas intenções o inferno está cheio

Antropóloga Anelise Fróes, do NIGS/UFSC, reflete sobre os retrocessos que se anunciam na escolha d@ nov@ president@ do Brasil

Página 8

Mais uma semana difícil politicamente no cenário nacional. Entre trocas de acusações, apelos religiosos, denúncias, perseguições públicas, e atos corajosos, seguimos refletindo e produzindo saberes com nossa indignação, nossa voz que não se cala, nossa militância acadêmica. Mais do que apenas marcar posição, declarar nossos votos ou apoios explícitos, estamos mais uma vez fazendo aquilo que mais sabemos e gostamos: produzindo coletivamente novas formas de olhar, pensar sobre a sociedade em que estamos inserid@s e discutindo de modo constante os contextos que nos perpassam. A quarta edição do Boletim NIGS traz manifestos diversos, e convida ao diálogo.





Respeitemos a dor de Mônica Serra^{IA}

*por Sheila Canevacci Ribeiro,
segunda, 11 de outubro de 2010 às
10:24*

Meu nome é Sheila Ribeiro e trabalho como artista no Brasil. Sou bailarina e ex-estudante da Unicamp onde fui aluna de Mônica Serra.

Aqui venho deixar a minha indignação no posicionamento escorregadio de José Serra, que no debate de ontem, fazia perguntas com o intuito de fazer sua campanha na réplica, não dialogando em nenhum momento com a candidata Dilma Rousseff.

Achei impressionante que o candidato Serra EVITA tocar no assunto da DESCRIMINALIZAÇÃO do aborto, evitando assim falar de saúde pública e de respeitar tantas mulheres, começando pela SUA PRÓPRIA MULHER. Sim, Mônica Serra já fez um aborto e sou solidária a sua dor.

Com todo respeito que devo a essa minha professora gostaria de revelar publicamente que muitas de nossas aulas foram regadas a discussões sobre o aborto, sobre o seu aborto traumático. Mônica Serra fez um aborto. Na época da ditadura, grávida de 4 meses, Mônica Serra decidiu abortar, pois que seu marido estava exilado e todos vivíamos uma situação instável. Aqui está a prova de que o aborto é uma situação terrível, triste, para a mulher e para o casal, e por isso não deve ser crime, pois tantas são as situações complexas que levam uma mulher a passar por essa situação difícil. Ninguém gosta de fazer um aborto, assim como o casal Serra imagino não ter gostado. A educação sobre a contracepção deve ser máxima para que evitemos essa dor para a mulher e para o estado.

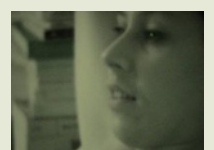
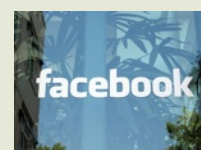
Assim, repito a pergunta corajosa de minha presidente, Dilma Rousseff, que enfrenta a saúde pública cara a cara

com ela: se uma mulher chega em um hospital doente, por ter feito um aborto clandestino, o estado vai cuidar de sua saúde ou vai mandar prendê-la?

Nesse sentido, devemos prender Mônica Serra caso seu marido fosse eleito presidente?

Pelo Brasil solidário e transparente que quero, sem ameaças, sem desmerecimento da fala do outro, com diálogo e pelo respeito a dor calada de Mônica Serra,

VOTO DILMA



"Devemos prender Mônica Serra caso seu marido fosse eleito presidente?"

Serra nega aborto da esposa e compara 'difamação' à sofrida por Lula em 89

17.10.10 às 14h55 > Atualizado em 17.10.10 às 14h57

São Paulo - O candidato da oposição à Presidência, José Serra (PSDB), negou hoje que sua esposa, a chilena Monica Allende, tenha praticado um aborto no passado e comparou a acusação com a "difamação" sofrida pelo atual líder, Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi candidato presidencial em 1989.

"Diante de matéria publicada hoje (na imprensa), a campanha de José Serra esclarece: Monica Serra nunca fez um aborto. Essa acusação falsa, que já circulava antes na internet, repete o padrão Miriam Cordeiro, de que o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva foi vítima na eleição de 1989", afirmou o tucano em comunicado.

Nas citadas eleições, o então candidato e posterior vencedor Fernando Collor de Mello pagou a Miriam Cordeiro, uma ex-namorada de Lula, para afirmar que o adversário eleitoral ofereceu dinheiro a ela para abortar a filha dos dois, Lurian. Depois, Miriam e a própria Lurian, hoje jornalista e política filiada ao PT em Santa Catarina, desmentiram a versão de Collor e confirmaram a de Lula, que sempre negou o fato.

Como noticiou **O Dia**, a psicóloga e ex-bailarina chilena Monica Serra admitiu em 1992 a suas alunas de balé na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) ter feito um aborto na época em que o casal era perseguido pelas ditaduras do Chile e do Brasil. A dançarina brasileira Sheila Ribeiro e outra ex-aluna de Monica, que preferiu omitir seu nome,

confirmaram no sábado o rumor que já circulava na internet.

O texto divulgado pelo PSDB manifestou que a suposta difamação contra Monica "dá continuidade ao jogo sujo que tem caracterizado a presente campanha desde que um núcleo do PT, montado para fazer dossiês contra o candidato tucano à Presidência, foi descoberto em Brasília".

As informações são da EFE

Serra faz telemarketing do aborto

por *Ulisses Campbell*, no ["Correio Braziliense"](#)

O candidato do PSDB à Presidência da República, José Serra, decidiu apostar todas as fichas no debate religioso para tentar vencer o segundo turno das eleições. Ontem, em São Paulo, ele disse ser a favor da união civil de casais gays e ressaltou que "casamento" é questão ligada à religião. "A união em torno dos direitos civis já existe, inclusive, na prática, no Judiciário. Outra coisa é o casamento, que tem o componente religioso. Cabe à Igreja decidir sua posição", ressaltou.

Enquanto fala de religião em todos os eventos que faz nessa etapa da campanha, o telemarketing de Serra opera freneticamente. Em São Paulo e em outros estados, centenas de militantes estão ligando para a casa dos eleitores. A maioria é mulher. Elas ligam em horário comercial no telefone fixo e procuram saber se há eleitor de Marina Silva (PV) na residência. Caso haja, as atendentes insistem na tecla de que a petista é a favor do aborto e que ela hoje se diz contrária apenas para ludibriar o eleitor.

A bancária Maristela Aires, 34 anos, recebeu a ligação em casa, em Osasco, Grande São Paulo, na quarta-feira pela manhã, quando saía de casa para trabalhar. Eleitora de Plínio de Arruda Sampaio (PSol) no primeiro turno, ela estava indecisa até a ligação. "Na verdade, a atendente falou mais com a minha mãe, que me convenceu a votar no Serra", relata.

A professora Doraci Costa também recebeu uma ligação dos tucanos em Belém do Pará. Eleitora de Marina Silva, ela decidiu votar em Dilma, mesmo reconhecendo a confusão que a petista fez ao se dizer a favor e depois contra a descriminalização do aborto. "Acho que suscitar o debate sobre o tema já é um grande avanço", diz a professora. Em outra frente de campanha religiosa tucana, os militantes de Serra distribuem santinhos em redutos petistas. No panfleto mais comum, há a seguinte frase ao lado da foto do candidato: "Jesus é a verdade e a justiça".

Mais abaixo tem a assinatura de Serra e o número de sua candidatura. Na maioria dos panfletos distribuídos em São Paulo e no Rio de Janeiro, as cores do santinho são dois tons de azul e de amarelo, que lembram o partido. No entanto, há uma versão do santinho nas cores verde-claro e verde-escuro, numa alusão à onda verde que Marina Silva instalou no Brasil no primeiro turno, conseguindo arrastar 20 milhões de eleitores. O Correio procurou o comando de campanha de Serra em São Paulo e ninguém quis se manifestar sobre o telemarketing agressivo que enfatiza o aborto nas ligações nem sobre os santinhos com temas religiosos.





Ex-aluna de Monica Serra: "eu não esperava tanta repercussão"

16 de outubro de 2010 • 16h49 • atualizado às 21h57

BRUNA CAROLINA CARVALHO

A bailarina Sheila Canevacchi Ribeiro, ex-aluna de Monica Serra - esposa de José Serra (PSDB) - na Universidade de Campinas (Unicamp), e responsável por tornar público no Facebook que Monica teria feito um aborto na época da ditadura militar, afirmou em entrevista ao **Terra** por telefone que se sente "muito assediada" e não esperava que seu *post* fosse gerar repercussão.

O jornal *Folha de S. Paulo* publicou, neste sábado (16), reportagem intitulada "Monica Serra contou ter feito aborto, diz ex-aluna", assinada pela colunista Monica Bergamo. Um dia depois do debate da TV *Bandeirantes*, na última segunda-feira (11), Sheila postou em seu perfil no Facebook um texto que escreveu para "deixar minha indignação pelo posicionamento escorregadio de José Serra" em relação ao tema aborto. Sheila também deu entrevista ao *Correio do Brasil*, divulgada na última quarta (13).

Durante a entrevista, Sheila contou que se considera "uma pessoa muito frágil". Mas, ao assistir ao debate e ouvir a candidata à presidência do PT, Dilma Rousseff, dizer que Monica havia "falado que ela, Dilma, era comedora de criancinhas e o Serra ter ficado calado, não ter falado nada, zero, me indignei". Para a bailarina, a sensação foi de "inquietude" e, por isso, escreveu uma reflexão no site de relacionamento pessoal.

Perguntada pela reportagem do **Terra** se era filiada a algum partido político, a ex-aluna de Monica explicou: "não sou. Não gosto de política partidária. Gosto de política cidadã, que foi exatamente essa que eu fiz". A bailarina, que pretende votar na petista no segundo turno das eleições, disse também não temer por represálias. "Estou recebendo mais ou menos cinco mil mensagens de apoio para 50 de retaliação. Estranhamente, meus amigos me falam: 'ah não liga'. Mas, para mim, as cinco mil mensagens e as 50 contam".

Sheila não soube informar se o tucano paulista teve algum envolvimento na decisão do aborto na época. "Eu não sei de nada disso e nem se soubesse eu ia querer falar. Eu não estou fazendo uma apuração, nem buscando provas e nem denunciando nada", contou.

Leia abaixo a entrevista:

Terra: Em qual ambiente se deu esse relato sobre o aborto de Monica Serra? Vocês estavam em aula?

Sheila: Estou sendo muito assediada, não esperava. Mas confirmo tudo o que foi dito no *Correio do Brasil* e na *Folha de S. Paulo*.

Terra: Como era a relação de Monica com as alunas?

Sheila: Ótima relação. Uma relação de professor, quando é bom, é uma relação que transpassa a própria humanidade. A universidade tem essa função, falar sobre as coisas. Você fala sobre aborto, ditadura, sorvete, gatinhos, tudo. Não foi uma coisa confessional. Acabou surgindo... tem um monte de gente me atacando falando que eu expus a Monica Serra. Se você reler, vai ver que eu sou muito preocupada com a intimidade das pessoas. Não é que uma pessoa presidencial não pode fazer o aborto. Do meu ponto de vista, não tem problema algum.

Terra: Foi uma confissão? Ela contou como se sentia em relação a esse assunto?

Sheila: Eu acho que ela escorregou numa coisa meio terapêutica. É muito importante deixar claro que o contexto era de ditadura militar. Era o assunto do exílio, da ditadura militar e o aborto dentro disso. Quando eu escrevi meu relato eu estava indignada por causa do debate da TV *Bandeirantes*. Como eu sou canadense, eu acho normal discutir as coisas. E meu próprio lado brasileiro ficou assustado. Eu não quero ser a garota que denunciou a Monica Serra. Eu sou a garota que está preocupada com a cidadania e com a saúde pública.

Terra: Você sabe se o marido dela, José Serra, teve algum envolvimento nessa decisão de abortar? Ele sabia?

Sheila: Eu não sei de nada disso e nem se soubesse eu ia querer falar. Eu não estou fazendo uma apuração, nem buscando provas e nem denunciando nada. Eu não sei, e mesmo se soubesse, não gosto de entrar nesse assunto. O que é problema meu é minha cidadania.

Terra: Você esperava essa repercussão?

Sheila: Zero. Não esperava e nem entendi. Me chocou porque eu não estava acompanhando as coisas do segundo turno, nem sei o que aconteceu. Depois do primeiro turno eu decidi que não queria acompanhar nada. Porque eu já tinha decidido que ia votar na Dilma. Mas mais do que por isso eu não gosto de baixaria, não gosto de violência. Quando eu assisti ao debate eu estava praticamente vazia de informação. Então, quando eu vi a Dilma falando que a Mônica Serra tinha falado que ela era comedora de criancinhas e o Serra ter ficado calado, não ter falado nada, zero, me indignei. Ficou aquela inquietude. Eu escrevi uma reflexão. Eu e meu marido, que é antropólogo, sempre escrevemos reflexões e colocamos no Facebook.

Terra: Você reafirma que não é filiada a nenhum partido?

Sheila: Não sou. Não gosto de política partidária. Gosto de política cidadã que foi exatamente essa que eu fiz.

Terra: Você disse à *Folha de S. Paulo* que votaria em Dilma Rousseff no segundo turno. Quais são os motivos da sua objeção por José Serra?

Sheila: Para mim, é inimaginável votar no Serra. Ele representa para mim o pior retrocesso para o Brasil desde as Diretas Já. Primeiro de tudo, um político que está num debate e fica se esquivando o tempo todo, tratando os brasileiros como imbecis. A Dilma ficou muito nervosa no debate. Mas prefiro uma pessoa que fica

emocionada do que uma pessoa que não existe. Eu também votaria na Dilma por ela ser uma mulher.

Terra: Você sente medo de sofrer alguma represália?

Sheila: Não. Estou recebendo mais ou menos cinco mil mensagens de apoio para 50 de retaliação. Estranhamente meus amigos me falam: 'ah não liga'. Mas pra mim as 5 mil e as 50 contam... todas que estão se espelhando no que eu fiz. Tanto essas como as que estão me julgando, são sintomas, todas eu escuto.

Terra: Mas você sente medo?

Sheila: Eu tenho medo? Não. Eu sou dona de um fato e de um relato. Só. Não sou eu que tenho que ter medo, vou te responder com uma pergunta: Eu estou na ditadura militar ou a ditadura militar já acabou no Brasil?

Terra: A Monica, durante o relato, você se lembra se ela contou detalhes?

Sheila: Que eu me lembre não. Era uma coisa assim... esquece que a Monica Serra é a Monica Serra. Estava numa aula com uma professora que você gosta, que todo mundo gosta, tinham umas oito ou dez alunas. Não é o clima de ficar contando detalhes, não tem nada a ver, ela estava triste.

Terra: Ela estava triste quando contou?

Sheila: Muito triste.

Terra: Era um trauma?

Sheila: Sim, muito. Mas não lembro muito bem. Isso aconteceu há quase 20 anos. Não lembro de detalhes.

Eu queria deixar claro que respeito a privacidade das pessoas, mas quando uma pessoa é uma pessoa pública ela tem outro tipo de responsabilidade ética. A opinião dela importa. Se um candidato já fez ou não fez aborto, ou se tem alguma coisa da vida pessoal dele que entre em jogo, não me importa. O que me importa é o discurso contraditório.

Uma coisa que eu fiquei feliz com esse bafafá todo é que abriu uma discussão sobre o aborto. Os brasileiros têm uma imagem de si, a priori eles se assustam e com o susto nem conversam. Pra lembrar que até uma pessoa militante como é o caso da Monica Serra e da Benedita da Silva, mesmo essas mulheres já passaram por um aborto. Esse assunto tem que ser separado da religião. No caso da Monica Serra, ela é contra, ela estava na ditadura, pela sua própria lógica deveria ser presa, porque ela diz que é crime. Uma mulher que faz aborto não merece sofrer o aborto e ir presa.



Correio do Brasil

Comentários de internaut@s

Apresentamos alguns comentários que ilustram a repercussão da publicação da carta de Sheila Canevacci Ribeiro no jornal Correio do Brasil.

Carla Silva



Fantástico!
Parabéns ao Correio do Brasil!
Fantástica apuração dos fatos.
Serra, minha mãe me ensinou desde pequena: "Quem tem telhado de vidro não joga pedra no telhado do vizinho, ok?"
Sou solidária a dor de sua esposa, Monica Serra, mesmo com tanta formação intelectual, não passa de mais uma mulher oprimida pela sociedade. Imagine aquelas pobre coitadas que mal tem o que comer dentro de casa, mal tem como manter seus filhos e têm que levar uma gravidez até o fim (aumentando a miséria da sua família), ou são vítimas de "curandeiras" e sem acesso ao serviço público de qualidade que a possibilite de manter sua vida com saúde e criar seus filhos.
Monica Serra, também sou solidária a sua dor!

João Pinheiro



Quando eu soube que uma ex-aluna de senhora Serra havia comunicado no FB que ela havia feito um aborto, eu fiquei me questionando, muitas perguntas me vieram, dentre elas: quem é essa pessoa? Será que é ética? Será que é verdade ou mais uma mentira criada nesta onde de baixaria que vimos desde o primeiro turno? Será que é um contra-ataque da campanha da Dilma à baixaria perpetrada contra ela pelos tucanos? Agora que li a matéria, tudo fica esclarecido. Essa senhora, Sheila, é duma lisura ética digna de respeito, não tratou a questão dentro do espaço da baixaria, apenas manifestou a sua indignação com a hipocrisia do uso de dogmas religiosos numa campanha eleitoral misturado com uma brutal calúnia, tudo para tirar proveito em votos. Meus parabéns, dona Sheila, é de pessoas como a senhora que a sociedade precisa. Temos que dar um basta na hipocrisia e nos hipócritas.

Karine



Serra sabonete prova o gosto do seu próprio remédio... O que a comunidade cristã vai dizer agora? Quem com Serra fere com Serra será ferrado... Fico indignada devido ao nome de Jesus estar sendo utilizado em campanha da forma que o candidato José Serra fez... com a foto dele no fundo. Acho desrespeitoso. Jesus está acima de qualquer partido e seu nome não deveria ser usado em panfleto político. Agora duvido mais ainda dos escrúpulos deste candidato que utiliza o nome sagrado de Jesus em papeleta de campanha. Misturar política e religião é a pior coisa que poderia acontecer ao Brasil... Infelizmente Marina (sem noção) fez esta besteira e Serra está tentando se aproveitar disto para conseguir votos transformando Deus e Jesus em seu cabo eleitoral. Totalmente sem escrúpulos e perigoso para a democracia. Isso só pode dar em passagem de ida à idade média.

Raul Rachou



Sim, a Sheila existe e que bom pra todos nós, eleitores. Eu tenho a sorte de conhecer pessoalmente a integridade profissional e moral de Sheila Ribeiro. Mas para quem não a conhece, o equilíbrio de sua argumentação atesta a veracidade de suas revelações. Pelo visto, não só o poder corrompe, mas a busca pelo dito cujo corrompe muito mais. Lamento esta maneira tão farisaica de se fazer política por parte de Mônica Serra. O casal Serra nos deve uma desculpa.

Cely Bertolucci



Sheila,
[...] Quero te agradecer pela coragem em desmascarar a farsa da campanha serrista. É triste dizer isso, pois estamos falando de dores – da própria Monica que acabou sendo exposta por uma decisão do passado e da Dilma – que vem sendo humilhada e desrespeitada por todos os lados, sendo chamada de assassina, de sapatão, como se essas acusações não a ferissem; tendo de abdicar de convicções democráticas para diminuir as agressões que vem sofrendo pessoal e politicamente.
Obrigada, obrigada – graças a voce me sinto mais aliviada.
Parabéns à posição democrática do jornal. A atitude de voces vai repercutir positivamente neste final de campanha.

Para ter acesso aos comentários visite o site do Correio do Brasil em: <http://correiodobrasil.com.br/monica-serra-ja-fez-um-aborto-e-sou-solidaria-a-sua-dor-affirma-ex-aluna-da-mulher-de-presidenciael/185824/>

**VEJA AQUI A POLÊMICA CARTA DA CANDIDATA DILMA DESTINADA A
"ACALENTAR" OS NERVOS DOS RELIGIOSOS**

MENSAGEM DA DILMA

Dirijo-me mais uma vez a vocês, com o carinho e o respeito que merecem os que sonham com um Brasil cada vez mais perto da premissa do Evangelho de desejar ao próximo o que queremos para nós mesmos. É com esta convicção que resolvi pôr um fim definitivo à campanha de calúnias e boatos espalhados por meus adversários eleitorais. Para não permitir que prevaleça a mentira como arma em busca de votos, em nome da verdade quero reafirmar:

1. Defendo a convivência entre as diferentes religiões e a liberdade religiosa, assegurada pela Constituição Federal;
2. Sou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto;
3. Eleita presidente da República, não tomarei a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País.
4. O PNDH3 é uma ampla carta de intenções, que incorporou itens do programa anterior. Está sendo revisto e, se eleita, não pretendo promover nenhuma iniciativa que afronte a família;
5. Com relação ao PLC 122, caso aprovado no Senado, onde tramita atualmente, será sancionado em meu futuro governo nos artigos que não violem a liberdade de crença, culto e expressão e demais garantias constitucionais individuais existentes no Brasil;
6. Se Deus quiser e o povo brasileiro me der, a oportunidade de presidir o País, pretendo editar leis e desenvolver programas que tenham a família como foco principal, a exemplo do Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e tantos outros que resgatam a cidadania e a dignidade humana.

Com estes esclarecimentos, espero contar com vocês para deter a sórdida campanha de calúnias contra mim orquestrada. Não podemos permitir que a mentira se converta em fonte de benefícios eleitorais para aqueles que não têm escrúpulos de manipular a fé e a religião tão respeitada por todos nós. Minha campanha é pela vida, pela paz, pela justiça social, pelo respeito, pela prosperidade e pela convivência entre todas as pessoas.



Dilma Rousseff

Marilena Chaui 1: Serra é ameaça à democracia e aos direitos sociais

dilmanaweb

955 videos

Subscribe



dilmanaweb | October 13, 2010

Professora da Universidade de São Paulo (USP), a filósofa Marilena Chaui fala...



79,909

views

A filósofa Marilena Chaui faz uma defesa da democracia brasileira e aborda a ampliação dos direitos sociais no governo Lula. Além disso, Marilena aponta a candidatura de José Serra como um retrocesso. Veja seu depoimento em: <http://www.youtube.com/watch?v=0j6jgDs7gMQ>.

Dilma é entrevistada pelo Jornal Nacional

18/10/2010 20:39

[...]

William Bonner: Agora, na semana passada, a senhora divulgou um documento em que a senhora afirmou o compromisso de não propor nenhuma modificação na legislação. Algumas pessoas que defendem o aborto, né, como uma questão de saúde pública, como a senhora mesma já fez no passado, entenderam que esse seu compromisso seria um recuo, uma concessão, digamos assim, excessiva aos religiosos, que entra em contradição com

algo que a senhora mesma defendeu. A senhora dizia: é uma questão de saúde pública e é um absurdo, a senhora disse isso para a "Folha de S.Paulo", é um absurdo que não

prender 3,5 milhões e meio de mulheres. Até porque tem um problema concreto, prático. Eu não concordo com a mudança na legislação. A legislação prevê

alteração, por exemplo, por plebiscito, seria muito ruim. Porque dividiria o Brasil de ponta a ponta. Não levaria a uma forma de, eu diria, de acordo e de consenso. Pelo contrário: os países que fizeram isso tiveram péssimas experiências. Então eu fiz uma carta que é uma carta a todos os religiosos, mas é uma carta pública ao povo brasileiro no sentido de que acredito que a legislação.



se legalize a questão. Daí a questão. A senhora não vê essa contradição?

Dilma Rousseff: Não, não vejo. Sabe por que, Bonner? Porque ninguém em sã consciência vai propor

aborto em dois casos. Prevê no caso de estupro e de risco de vida pra mulher. Então há, necessariamente, uma forma de a gente conduzir isso sem alteração. E acredito que um processo de

Fátima Bernardes: Pode ser mantida...

Dilma Rousseff: Pode ser mantida, e não é necessário alterar os termos da legislação.

[...]

Da cegueira do retrocesso ou: vamos todos para o inferno?

Nossas vivências e experiências, desde que nascemos, são permeadas e constituídas por oposições e polaridades, por desafios e dicotomias. Aprendemos muito cedo o que é “quente” e “frio”, o que é “certo” e “errado”, o que é “normal” e “anormal”. Nessa obsessão classificatória, nessa necessidade premente de ajustar o mundo e seus seres à estruturas compreensíveis que nos façam dormir e acordar em segurança contra o que é “diferente” (e portanto ameaçador), nos tornamos quase sempre pessoas que não ousam. Que não experienciam a coragem de ir além, de transgredir, de inventar o impossível cotidianamente até que ele se torne possível, visível, tátil.

Mas há os que ousam, os que tentam, os que contrariam. Os que sonham e realizam, os que se insurgem contra o conforto das maiorias absolutas, da normalidade reinante, seja nas esferas pessoais, políticas, acadêmicas, relacionais. Estou ao lado destes, e seguro minha mão nessa fileira tantos outros, tantas outras, seja em memórias afetivas dos que passaram pelo meu caminho, seja em corpo e espírito de luta, como atualmente.

Me vejo então instada a escrever e refletir sobre o que está acontecendo em nosso país, na hora crucial de escolhermos quem presidirá nossa república pelos próximos quatro anos. Ao meu lado, como já disse, caminham e lutam outros e outras tantos e tantas. Escrevem, exercem a indignação, conversam, brigam, concordam e discordam; compartilhamos, porém, o mesmo espanto, a mesma dolorida sensação de que vamos retroceder. Não individualmente, cada um e uma de nós, capazes de reinventarmos a nós mesmos e mesmas tantas vezes ao longo da vida. Retroceder pode ser estratégico, pode ser uma pausa para pensar melhor, para rever conceitos. Avançar nem sempre é sábio, e pode significar apenas arrogância e desespero.

Mas não posso compactuar com o retrocesso que paralisa. Com o retrocesso que é guiado pela cegueira do medo, da suprema covardia de assumir posições claras e justas, dignas e passíveis de nos elevar a um outro patamar social, mais igualitário e humano.

O que temos visto acontecer no debate político (que é também pessoal, como o

sabemos) no cenário brasileiro neste momento, quando estamos a duas semanas da eleição que definirá nossos rumos sociais, econômicos, políticos e – outra vez – pessoais, é exatamente a cegueira. Cegueira absoluta e diversa daquela que costumamos imputar à quem não vê. Diferente do que pensamos na maioria das vezes, pessoas cegas veem tão ou mais do que qualquer outro ou outra que tenha olhos capazes de enxergar. VER é muito diferente de ENXERGAR. Ver passa por sensibilidade, por tato, por olfato. Passa por ouvir pessoas, sons, ruas, identificar os obstáculos do caminho através de todos os sentidos. A questão aqui, então, parece ser mais do que a cegueira do não ver, mas também a do não enxergar. E é esta que nos conduziu até aqui, e parece, nos conduzirá ao retrocesso paralisante, indigno, feroz e cruel.

Não falo apenas de nossas conquistas em políticas públicas, dos avanços na área da educação, na área dos direitos humanos. Não é um clamor afetado e vazio sobre a importância dos movimentos sociais, ou porque gays e lésbicas não poderão ter a garantia de seus direitos civis respeitados.

Falo porque atrás de cada política pública, há pessoas. Atrás do Programa Brasil sem Homofobia, há crianças, adolescentes, jovens e adultos inseridos em espaços escolares e educacionais, formais e informais, que poderão outra vez ser calados, reprimidos, excluídos, depois de termos acreditado que este era um “país de todos”. Atrás das políticas públicas implantadas por decreto, lei, instrução normativa, há profissionais de todas as áreas, pessoas de todas as origens, brasileiros, brasileiras, que acreditaram que o “país do futuro” finalmente havia chegado lá, e olhado para todos os seus cidadãos. Atrás de cada Secretaria Especial da Presidência da República, há mulheres, homens, negros e negras, idosos e idosas, gays, lésbicas, travestis, transexuais, parte deste mesmo Brasil que está prestes a retroceder, e afirmar uma vez mais que é preciso mantê-los à margem, na sombra, longe deste lugar de destaque, onde podem falar, ouvir, dialogar, construir um país mais justo.

Eu não sou uma política pública. Eu não sou um número em um prontuário. Eu não sou um código identificando um projeto de Lei que jamais será votado. Eu não sou parte de uma sigla que tenta abranger a todos e todas, apenas.

Sou isso, também, mas muito mais. Sou antropóloga, pesquisadora, mulher, negra e lésbica. Sou aprendiz e educadora, militante e sujeita de minhas reflexões e relações. Sou uma mulher que já ajudou amigas a pagar por abortos clandestinos, sabendo do risco, do medo, da dor, da solidão e da perversidade de um sistema que julga essas mulheres como assassinas.

O retrocesso conduzido pela cegueira de quem pretende nos governar nos diz que é preciso proibir mulheres de matar crianças, e penalizá-las judicialmente caso insistam. Este mesmo retrocesso nos diz que não, que o imenso contingente homossexual do país deverá permanecer confinado à decisões pontuais sobre seus afetos e direitos, porque o Brasil não está disposto a ampliar suas ações nesse sentido.

Pois declaro que a mim, nem todas as mortes são físicas. Entre um aborto e direitos negados, creio que os segundos matam muito mais. Mata mais crianças quem nega direito de adoção à casais de gays, lésbicas, travestis, transexuais. Mata mais mulheres quem as coloca outra vez na posição de culpadas, por negarem o dom “natural” da maternidade, como se isso fosse definidor de seus sexos e seu gênero.

Algo me diz que estão matando um Brasil no qual acreditamos nos últimos oito anos, e que é fruto de lutas históricas de mais de 40 anos. Aqueles que se dizem “a favor da vida”, que se dizem “comprometidos com os ideais cristãos”, que defendem “o direito de nascer”, que proclamam em nossas tevês, rádios, Facebooks, Twitters, sites, blogs que acreditam em Deus, são os mesmos que estão nos guiando, cegamente, para o inferno.

O inferno, parece, é um lugar cheio de boas intenções. E é preciso mais do que elas para fazer do mundo um lugar melhor. No caso do Brasil, acho que ainda não será dessa vez.

Anelise Fróes (NIGS/UFSC)





Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades

Site — www.nigs.ufsc.br

E-mail — nignuc@cfh.ufsc.br

Telefone — (48) 3721-9890

Diagramação: Felipe Fernandes e Heloisa Souza